

AVALIAR É BOM, AVALIAR FAZ BEM —

OS DIFERENTES OLHARES ENVOLVIDOS NO ATO DE APRENDER.

Alexandra Lilaváti P. Okada – Mestre e doutoranda em Educação: Currículo na PUC-SP, graduada em computação no ITA, pós-graduada em Comunicação e Marketing na ESPM. Pesquisadora visitante e membro do KMi – Knowledge Media Institute - The Open University, atua em diversos projetos em EAD de investigação acadêmica nacional e internacional.

ale@projeto.org.br

<http://www.projeto.org.br/alexandra>

Fernando José de Almeida - Filósofo e pedagogo; pós-doutor no Centro Nacional de Pesquisa Científica - CNRS em Lyon, na França, professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo na PUC-SP; coordenador de diversos projetos em EAD e de investigação acadêmica nacional e internacional.

fjalmeida@terra.com.br

RESUMO

Este texto tem como intenção refletir sobre avaliação como parte do processo da aprendizagem — um ato ético, construtivo e de ‘*valorização*’ do aprendizado em cursos presenciais, semipresenciais e on-line. Para isso, discutimos alguns aspectos explícitos e implícitos dos ambientes virtuais de aprendizagem para compreender as relações entre si e o todo, e assim, elaborar novas estratégias. Ao atuarmos em diversos cursos e realizarmos pesquisas sobre o assunto percebemos que num sistema adequado de avaliação em EAD devemos considerar não só os aspectos cognitivos, mas também os aspectos práticos, existenciais e afetivos. Nesse contexto, é importante desenvolver autonomia, relação teoria-prática, valorização da dimensão individual e coletiva, e afetividade. Avaliar é bom, avaliar faz bem, e deve conter os diferentes olhares envolvidos no ato de aprender.

**AVALIAR É BOM, AVALIAR FAZ BEM —
OS DIFERENTES OLHARES ENVOLVIDOS NO ATO DE APRENDER.**

**Alexandra Lilaváti P. Okada
Fernando José de Almeida**

QUAL O SENTIDO DA AVALIAÇÃO?

Seguir por uma rua sentindo que há alguém que o persegue é uma sensação muito ameaçadora. Qualquer forma de perseguição, distante na imaginação ou na realidade física, desmonta todas as seguranças internas que temos.

A avaliação escolar costuma ter esta função. Amedrontar pela forma contínua, sutil, pública e, às vezes, covarde de perseguição que ela estabelece com o avaliado.

Esta é a forma muito usual e simplista de se definir e descrever a avaliação escolar e todos os seus sistemas. Mas, vamos trazer aqui o outro lado — nem perverso, nem incompetente e nem masoquista da avaliação. Vamos trazer o lado conceitual de sua função na vida humana e, especialmente na educação escolar, muito pouco divulgada. Infelizmente.

Em todos os momentos estamos sendo avaliados: ou porque demos uma fechada no trânsito em alguém, ou porque querem nos pagar pouco por um serviço prestado, ou porque nossa roupa não combina com a meia ou com o sapato... Tudo é um exemplo de ser avaliado. Uma das formas é dada pela nota. A nota ou as “notas” que recebemos de salário no fim do mês é tão simbólica como as notas que os alunos recebem ao elaborarem uma boa redação.

Todos nós já sentimos a dor de sermos avaliados. Mas também, talvez, muitas alegrias. Cada um de nós certamente já teve esta ambivalente sensação ao receber os resultados de uma avaliação. Esperávamos que nosso padrinho, nossos pais ou nossos vizinhos dissessem que estávamos bonitos com aquela roupa, ou éramos bem comportados, ou conhecíamos as orações de cor. Gostamos quando dizem que somos bons professores ou que marcamos a vida de nossos alunos. São formas de avaliação que, algum modo, valorizam nossa vida e pelas quais dizemos que vale muito ser professor!

Ter reconhecimento do que fazemos é uma das necessidades básicas do ser humano. É importante termos a aprovação social tal como saciar a sede, a fome e o sexo. O fato de nem sempre acertarmos em sua execução ou de nem sempre a avaliação ser justa não deve acabar com ela. Mas, cabem a nós educadores, inventá-la e reinventá-la de forma sempre mais realizadora e humanista. Por que isso?

Em primeiro lugar porque avaliar é um ato ético. Se a questão ética fundamental é a pergunta sobre o bem, avaliar-me é responder se estou fazendo bem o que me propus. O bem fazer e o fazer bem andam juntos. Quando um aluno busca aprender algo e tenta fazê-lo da melhor forma possível está buscando fazer o bem. Quando o professor ensina e quer saber se está ensinando bem e se o que ele ensina faz bem, está perguntando sobre um tema filosófico chamado ética. Neste sentido, toda vez que avalio meu aluno e com ele avalio meu trabalho, no fundo, tenho uma postura ética.

Claro que muitos de nós em alguns momentos usamos a avaliação como controle policialesco ou como dominação pedagógica. Mas estes equívocos conceituais sobre a avaliação não podem dizimá-la do universo pedagógico. É um equívoco e como tal deve ser tratado. Porque *avaliar* significa em sua origem etimológica, *dar valor, valorizar, validar*. No fundo, é uma dimensão ética do ser humano. Dizer se algo está bem ou mal, ou dizer que o que se está fazendo poderia ser mais elaborado; refletir para saber se foi bom ou mal meu ato e o do outro, tudo isso significa um posicionamento ético. Trata-se de uma forma de ir estendendo nossos limites e experimentar novas formas de convívio e realização. Os abusos nesta área são outras coisas. E já há muitos bons educadores falando de tais abusos. Há centenas de livros sobre isso de autores brasileiros, só para citar os mais próximos.

Agora cabe aqui falar o que muitos poucos falam: a avaliação como um bem, e avaliação como parte do processo de aprendizagem, quer em cursos on-line quer em presenciais. Para isso, é importante refletirmos. Como estamos sendo valorizados? Como damos valor ao que fizemos? Como nos cobram as superações de nossos limites? Que estímulos são dados para que reconheçamos nossas dificuldades? Como são dados elementos para que as superemos? Quanto é respeitado nosso ritmo e quanto nos deixam abandonados às nossas dificuldades? Como estas variáveis interferem na valorização de nosso trabalho...? Como a avaliação acontece em ambientes virtuais de aprendizagem? Há diferença entre a avaliação em ambientes virtuais e nos presenciais?

AVALIAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

As tecnologias educacionais e os ambientes virtuais de aprendizagem têm provocado algumas mudanças não só como as pessoas se interagem e aprendem, mas também o que aprendem. Quando a tecnologia é bem utilizada e os cursos on-line bem planejados propiciam não só construir conhecimentos, mas também agregar valor ao aprendizado por meio da promoção dos seguintes aspectos:

- contexto mais elaborado através de recursos mais atrativos (Reeves 1997);
- interação com especialistas externos ao ambiente de aprendizagem (Muirhead, 2001);
- recursos de visualização, simulação e análise; (Wang, Li, Turoff, e Hiltz, 2003);
- interação, troca, colaboração entre os envolvidos (Hollands, 2000);
- oportunidades para feedback, reflexão e revisão (Deubel, 2003);
- estruturação da memória do próprio processo de aprendizagem (Almeida, 2004).

No entanto, ao entrevistar professores e aprendizes, tanto de cursos presenciais quanto de cursos a distância, muitos depoimentos expressam que trata-se de um processo mais complexo, no qual a avaliação é considerada um momento mais trabalhoso, difícil e pouco prazeroso.

Para muitos aprendizes trata-se de algo trabalhoso, pois “participar da avaliação” significa momentos de desafio, reflexão e demonstração do conhecimento construído para obter retorno “quantitativo” e, às vezes, qualitativo da sua performance. Em cursos on-line, muitos alunos consideram que ser avaliado é marcar a presença em todas as atividades propostas e ter um bom índice de participação no curso, ou seja, participar de todos os fóruns, chats, atividades individuais e em grupo. Claro que nos ambientes virtuais a forma de marcar presença é através da participação ativa, pela escrita. No entanto, muitas vezes, a preocupação não é com conteúdo das mensagens, mas apenas marcar presença com uma notação qualquer. O fato de existir mensagem registrada (seja no fórum, produções, chat) não significa que o desafio proposto foi realmente executado. Muitas mensagens que não têm relação com o assunto dificultam e desestimulam a sua leitura, tanto pelo professor quanto pelo aluno.

Nesse contexto, os professores expressam que a avaliação é trabalhosa, pois isto implica em refletir sobre o processo individual e coletivo, além de sistematizar (seja de forma quantitativa e /ou qualitativa) dando retorno para cada aluno. O fato de existirem tabelas automáticas para quantificar os acessos, número de mensagens enviadas e período de ausência não implica em deixar de avaliar a qualidade do conteúdo das

mensagens, da interação e da reflexão de cada participante. Para isso, é necessário acompanhar cuidadosamente toda a produção do ambiente, e continuar replanejando e propondo os momentos avaliativos.

Neste caso, algumas estratégias podem facilitar a avaliação: explicitar de forma bem clara o foco de cada atividade e anotar sínteses de cada etapa coletiva ou individual. Assim, no final do curso será mais simples avaliar todo o processo sem ter que acessar todas as interfaces de novo. O trabalho de tais sínteses intermediárias pode ser feito pelos docentes, assim como pelos alunos.

Quando aprendizes e professores destacam a avaliação como um momento difícil, explicam que se trata de uma parada no decorrer da aprendizagem para realizar a avaliação. **Seja no presencial ou em cursos on-line existe um momento específico e pré-determinado para comprovar os conhecimentos e a evolução de cada um.** Em outras palavras, **discussões e interações do processo de aprender são interrompidas (seja “assimilar – acomodar” em Piaget ou “superar a zona de desenvolvimento proximal” – Vygotsky) para apresentar o que foi consolidado ou que, muitas vezes, ainda está sendo construído...**

Talvez este seja o motivo do não prazer: **a parada brusca para explicitar o que deveria ter sido construído conforme os objetivos e prazos propostos da aprendizagem.** Isso pode acontecer se o momento de avaliação for considerado algo separado do momento de aprendizado... **Avaliar, ser avaliado é um momento de aprendizagem. “Dar valor, valorizar, validar” o conhecimento construído faz parte do processo de aprender e é importante considerar o todo e não ações isoladas e fragmentadas.** Isso acontece muitas vezes quando os momentos avaliativos são planejados no término de cada etapa e são desvinculados do processo.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem a flexibilidade de acesso, tempo e elaboração é muito maior. Isso acarreta também ritmos diferentes de aprendizado entre os aprendizes... Portanto, é necessário que haja um acordo bem desenhado com relação a prazos e regras do jogo. Principalmente é importante entrar em consenso professores e alunos. Nenhum jogador de futebol se revolta por ser marcada falta quando ele põe a mão na bola, pois a regra é clara e também aceita por todos.

Outro motivo para a dificuldade e o possível não-prazer é que avaliação envolve também feedback – enviar & receber comentários críticos. Esse foi o depoimento de um professor-doutor orientador: *“fazer comentários críticos é algo muito difícil, pois não*

sei qual vai ser a reação do aluno...” Muitas vezes, os comentários críticos que têm intenção de incentivar o aprimoramento podem implicar em desestimular o aprendizado.

Para lidar com a dificuldade de explicitar/ enfrentar críticas é importante propiciar um ambiente aberto, com diálogo franco e linguagem cuidadosa e afetiva, ao mesmo tempo crítica e construtiva. Muitas vezes, as críticas em ambientes virtuais podem ser mais facilmente mal interpretadas, pois a comunicação baseia-se estritamente na palavra escrita. As críticas devem girar em torno do “fazer / aprimorar” e não do “ser” do aluno. É comum explicitar que o aluno está atrasado, ficou confuso, é desorganizado. Porém, o efeito é diferente se for comunicado que a produção do aluno foi entregue em atraso, está confusa, que a estrutura poderia ser mais elaborada e a atividade, melhor organizada. Desta forma, não é a pessoa que é questionada, mas seu produto.

Além disso, outro problema envolve o “tempo”. Uma professora-doutora de um curso on-line comentou que “cada aluno tem seu ritmo e seu tempo que nem sempre é igual do professor e vice-versa”. Sobre essa questão ela destacou dois tópicos: tempo-feedback e tempo-aprendizagem. Muitas vezes, no papel de aluna considerava difícil aguardar o retorno do professor cujo tempo de retorno não era tão rápido. Como professora, observava que em alguns momentos seu feedback era apresentado, mas não percebido pelo aprendiz... O tempo-aprendizagem não tinha chegado ainda. No entanto, após outras circunstâncias.. o aprendiz respondia... “Ah! Você já me disse isso antes... agora caiu a ficha!”

Isso nos faz lembrar também da “dissincronia” do tempo do professor. Quantos de nós, professores já demoramos mais de um mês para devolver os trabalhos corrigidos dos alunos? E nesse caso, quando o fazemos eles nem mais se lembram de que trabalho era aquele... Isso pode querer dizer que não tem mais nenhuma significação a devolução nem a avaliação deste trabalho.

Para lidar com os desafios em relação ao tempo é necessário ter sensibilidade com os diferentes ritmos e descobertas. Além disso, se possível contar com a presença de outros mediadores ou monitores e, inclusive, convidar os aprendizes para se auto-avaliarem e também para avaliarem as produções dos colegas.

Avaliar o processo de aprendizagem principalmente em cursos on-line significa enfrentar a complexidade que ocorre no ambiente virtual. Para lidar com isso, é importante ter clareza de alguns aspectos que estão explícitos ou implícitos para compreender as relações entre si e com o todo, e assim elaborar novas estratégias.

É muito freqüente lidar com alguns termos em cursos on-line: desistência, ausência, silêncio virtual,... Como lidar com esses aspectos? É importante acompanhar o processo e fazer intervenções nos momentos certos.

Desistência: do lat. *'desistentia'*, significa renúncia, não prosseguimento. Nos AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagem), alguns dos inscritos desistem do curso antes de começar ou durante o processo. Devido ao acesso nulo, não são considerados como participantes. Outros, abandonam o curso no decorrer. O seu acesso passa a ser nulo e não retornam mais. (taxa de evasão). Com a desistência deixam de existir como participantes do curso.

Ausência: do lat. *'absentia'*, significa afastamento, falta, desaparecimento. Nos AVA, a pessoa ausente existe no curso, mas seu acesso é temporariamente nulo. O participante pode se ausentar e retornar a qualquer momento.

Silêncio virtual: silêncio do lat. *'silentium'* é o estado de quem se cala, interrupção de ruído. Nos AVA, o silêncio virtual significa aquele que não escreve, que 'se cala na escrita'. No entanto, é um aprendiz potencialmente leitor, seu acesso não é nulo, às vezes, até é freqüente. **Ele existe e está presente, mas não toma parte ativa.**

Controle: do fr. *'contrôle'*, ato ou poder de conduzir, governar ou exercer o domínio da situação ou de algo. Nos AVA controle, no sentido de conduzir, existe desde sua origem, concepção até a conclusão. Sempre existe aquele(s) que são os responsáveis pelo curso e que **conduzem seja para relações abertas e democráticas ou para as fechadas e autoritárias.** O controle é também associado à cobrança do cumprimento das regras, do acesso ao ambiente, da presença e da participação. Além do controle humano, existe o controle do próprio software como a tabela de acessos e freqüências, mapas de interações etc.

Espera atenta: esperar, do lat. *'sperare'* é aguardar, ter esperança, estar na expectativa de algo. **A espera atenta (ou espera vigiada para interdisciplinaridade) é o momento de crescimento, maturação e aprofundamento.** É o tempo para observar com cuidado, refletir com cautela, ponderar, desvelar ritmos, olhar de múltiplos ângulos. Em AVA, espera atenta é estar em silêncio lendo as entrelinhas, acompanhando e aguardando desvelar o que não se mostra. **É refletir sobre as múltiplas leituras para agir/interagir com mais maturidade e sabedoria com o trabalho do aluno ou o ritmo do grupo.**

Presença: do lat. *'praesentia'*, é o ato de assistir pessoalmente, achar-se presente a um espetáculo, pessoa ou coisa, estar à vista dos outros. Nos AVA, estar presente significa estar à vista através da escrita ou dos acessos na tabela do ambiente. A presença virtual

poder ser percebida se a pessoa escreve ou se simplesmente acessa o ambiente e este acesso é registrado na tabela de frequência.

Participação: do lat. '*participatione*', é o ato de fazer parte, fazer saber, informar, anunciar, comunicar. Nos AVA o participante, seja mediador ou aluno, está presente, se informando e comunicando ativamente dentro do contexto do grupo.

Interação: de ['inter' + 'ação'] está associado à ação mútua, recíproca entre duas ou mais coisas, elementos ou corpos. É um conceito muito utilizado nos AVA para expressar ação e reação entre os participantes. Interagir é mais do que participar, é ter uma ação recíproca, o diálogo, comunicação de um com o outro, um com todos e de todos com todos.

Incentivo: é a ação de estimular, envolver, encorajar. O incentivo nos AVA existe não só nas mensagens de feedback, retorno crítico construtivo, mas também nas entrelinhas, no acolhimento, no suporte, nos auxílios, elogios e nos questionamentos que conduzem a ir mais além..

Exaltação: do lat *exaltatione*, significa o ato o efeito de erguer, levantar, elevar, tornar alto, ir ao extremo, ao exagero. Também é um conceito associado ao exaspero ou à irritação. Nos AVA, a exaltação pode ser causa e também consequência das interações intensas e em excesso. A interação intensa decorrente da exaltação de alguns (elevação, empolgação da escrita) pode provocar a exaltação de outros (irritação, exaspero).

Desabafo: ato ou efeito de desabafar, expansão, desafogo, descobrir, desafrontar, desimpedir, dar livre curso a, desafogar, tornar livre ou respirar livremente.

Em AVA, desabafo está muito relacionado à liberação dos conflitos internos e externos. Mensagens de desabafo podem ocorrer em qualquer interface, não só no diário de bordo, mas perfil, chat, fórum e portfolio pois estão relacionadas ao momento específico ou a uma situação que deve ser enfrentada.

Desapego: de [des + apego] está associado com a falta de apego, isenção de ânimo, estado de indiferença. Na interdisciplinaridade, desapego significa abrir mão, renunciar, desprender, libertar. Em AVA, existe o apego natural aos valores, sentimentos, contexto, experiências, paradigmas, expectativas e intenções que cada um traz consigo. É difícil abrir mão do apego em prol de um novo aprendizado, outras reconstruções coletivas e individuais, transformação e inovação. É difícil e ao mesmo tempo fundamental desprender-se dos costumes e lidar com o desconhecido para buscar inovação.

Parceria: significa *fazer par, estar com o semelhante, estar em conjunto com pessoas com uma intenção em comum.* Na interdisciplinaridade, parceria significa um ritual de transformação e de encontro, cumplicidade, co-autoria, cooperação. Nos AVA, a parceria é decorrente da identificação de interesses comuns do bem-estar de comunicar, *interagir e co-construir, da ação recíproca em prol da intencionalidade comum.*

Colaboração: de ['co'+'labor'+'ação'] está relacionado com o *trabalho em conjunto.* Nos AVA, significa mais do que interação coletiva; *mas troca, auxílio, contribuição.*

Em alguns momentos muitas angústias aparecem. Desconhecemos mais do que conhecemos, às vezes não são todos os espaços que queremos ocupar, outras vezes, queremos ocupar todos os espaços... É um movimento ambíguo, a partir do qual do silêncio podemos caminhar para a exaltação e vice-versa.

As angústias e os incômodos não só nos ambientes presenciais como virtuais nos fazem perceber que não é tudo que queremos ler, ouvir, falar ou escrever. Podemos estar presentes, mas ausentes. E ausentes, mas presentes. *Alguns podem estar afastados do ambiente, mas refletindo, dialogando interagindo sobre o assunto em outros espaços e contextos, produzindo temporariamente afastado.* Outros aprendizes podem estar presentes, podem ser visivelmente percebidos pela escrita, no entanto, distantes do tema, da essência da discussão, dispersos, desinteressados e não envolvidos.

Cada um tem seu tempo, seu ritmo, a sua liberdade de se ausentar e retornar, participar, interagir, colaborar, exaltar-se e silenciar-se.... Quando o curso on-line atinge alta interatividade, colaboração e cooperação, o histórico dos acoplamentos estruturais (interações) de um ser com seu meio físico e social fazem com que as representações que se constroem do mundo, dos outros e de si próprio se manifestem (morfogênese) e também se transformem (metamorfose) provocando auto-organização.

Os próprios aprendizes passam a atuar não só na construção de conhecimentos, mas também no processo de avaliação de modo articulado com seu processo de aprendizagem. Num chat sobre avaliação, professores e aprendizes discutindo sobre avaliação comentaram que *“Avaliar é uma análise aprofundada de todo o processo ensino-aprendizagem. É fazer um diagnóstico do que foi trabalhado, da proposta de trabalho, ver o que foi positivo e negativo, replanejar sempre que necessário. Analisar se realmente houve aprendizagem. Avaliar possibilita refletir, replanejar e conduzir o processo para aprimorar e assim buscar novos caminhos para a aprendizagem. (...) Avaliação deve estar presente em todos os momentos do processo, medindo desde a participação, crescimento do indivíduo até os resultados. É também fazer uma apreciação de um trabalho, das mudanças que ocorreram, não só conhecimentos adquiridos, mas ações e atitudes que aconteceram. É valorizar a integração dos participantes, envolvimento, comprometimento,*

colaboração, ver os problemas enfrentados, novas estratégias definidas, avanços conquistados. A avaliação precisa de ser contínua num processo de ação - reflexão - ação. As falhas devem ser vistas como pontos a serem trabalhados de forma que sejam supridas as suas carências”.

Sabemos que a alta capacidade de armazenamento de dados do meio digital permite o resgate, em qualquer momento, de produções que ficaram registradas e, lidar com o tempo de modo muito flexível. Isso pode facilitar e ao mesmo tempo tornar a avaliação mais trabalhosa. Os dados registrados a serem observados num ambiente virtual de aprendizagem são muito maiores do que em cursos presenciais e muitas vezes a flexibilidade do tempo traz a ansiedade por produção e respostas rápidas. A resposta rápida é uma das maiores exigências da avaliação — tal exigência é mais que justa!

Um outro problema. Em cursos on-line enfrentamos freqüentemente o excesso de informação, diversas interfaces (fórum, e-mail, chat, biblioteca do aluno e do professor) e muitas interações. Como já discutimos é difícil analisar todos os espaços habitados, observar todos os progressos do aprendiz e de suas produções, sistematizar e traçar o feedback para cada e todos os alunos.

Neste sentido, é que a avaliação individual vai ter que ser redesenhada para ceder lugar a uma avaliação mais coletiva e grupal. A partir dela é que cada indivíduo deverá se auto-avaliar.

Outra coisa. Ver a avaliação como parte do processo de aprendizagem significa acompanhar as interações durante o processo, propiciar momentos de reflexão sobre a aprendizagem e do que foi aprendido, sistematizar tais reflexões e lançar novos desafios.

Para acompanhar as diversas interfaces, é fundamental mapear alguns critérios para navegar nas produções dos alunos, observar o que foi realmente significativo e verificar o que fez diferença durante o processo. Além disso, resgatar a intenção do uso de cada interface (biblioteca do aluno, fórum, email, chat...) possibilita organizar o que deverá ser analisado.

Podemos perceber que o “avaliar/valorizar” pode estar presente nas diversas interfaces:

- **Interações dos fóruns:** na participação, na mediação coletiva e feedback. Os participantes ao lerem as mensagens e darem continuidade ao diálogo, com comentários críticos e argumentativos estão automaticamente avaliando as idéias já apresentadas. Isso evita os múltiplos monólogos quando uma questão ou desafio é

proposto e cada um registra sua resposta individual com idéias repetidas, desarticuladas e desconectadas dos demais colegas.

- **E-mails enviados:** cuidado em compartilhar... “possibilitar, estar ciente de”. Compartilhar feedback coletivamente através do e-mail é uma forma de socializar a avaliação, propondo sugestões que para outros aprendizes podem ser importantes.
- **Chats:** nas mensagens de síntese/ feedback. Muitas mensagens que estão desconectadas podem ser articuladas, e tópicos mais relevantes podem ser sintetizados. As sínteses são forma de feedback, além de evitar leituras de textos muito longos, ressalta a essência das discussões e das idéias dos participantes que deram contribuições.
- **Biblioteca do aluno:** produções individuais e coletivas, memoriais reflexivos podem conter comentários tanto dos mediadores como também dos aprendizes, isso favorece a oportunidade de desenvolver o olhar crítico e construtivo para suas próprias produções e dos colegas também de modo enriquecer e aprimorar cada vez mais.
- **Biblioteca do professor:** sínteses das reflexões/ produções, feedback/ acompanhamento coletivo propiciam um olhar mais amplo do processo, e uma avaliação do conjunto. Essa estratégia pode ser adotada sempre que for interessante compartilhar a avaliação de grupos ou da turma como um todo. Isso facilita e evita mensagens individuais para cada participante.

OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO EM CURSOS ON-LINE

Os instrumentos de avaliação em cursos on-line facilitam o registro, análise e sistematização dos múltiplos aspectos a serem observados em ambientes virtuais de aprendizagem. Tais instrumentos podem facilitar a busca de melhores práticas, estabelecimento de novas estratégias e enriquecer o processo de aprendizagem. A visão mais crítica e profunda dos diversos aspectos observados no curso on-line pode sinalizar a necessidade de novas dinâmicas para promover interação e colaboração entre os estudantes, aprendizagem ativa, feedback rápido, melhor gerenciamento do tempo de elaboração, ritmo do curso e prazos de entrega, atender às expectativas, desenvolver talentos e buscar novos caminhos de aprendizagem (Achtemeier, Morris e Finnegan, 2003).

Diversas técnicas quantitativas ou qualitativas podem facilitar o planejamento da avaliação: **questionários, pesquisa de opinião, entrevistas estruturadas, discussões**

abertas, tabelas automáticas do sistema, diários dos estudantes, observações dos mediadores, textos reflexivos, testes, exames, simulados, questionários, cenários, estudo de casos, projetos individuais e em grupo, jogos, simulações, feedback crítico.

Os resultados de tais técnicas podem ser sistematizados através dos instrumentos de avaliação. Tais instrumentos podem ser adaptados de acordo com os propósitos e objetivos da avaliação e os critérios podem ser discutidos e decididos entre professores e alunos. Esta última modalidade de estabelecimento das regras democráticas do jogo da aprendizagem certamente será a mais comum nos próximos projetos criativos e que se identificam com as reais inovações trazidas pelo mundo da comunicação virtual.

A maturidade, pensamento crítico, autoria através da produção criativa são características importantes que professores e aprendizes devem desenvolver em cursos on-line. Elas não são algo espontâneo, gerado da própria tecnologia, mas se constrói a partir das atuais teorias de educação mais criativas, científicas e interdisciplinares. Para isso, é necessário ter responsabilidade, comprometimento, habilidade de escrita, expressão de idéias, ponto de vista, visão crítica, bom gerenciamento do tempo e disposição para interação e colaboração. Ou seja, uma visão profissional e científica do ato de aprender e ensinar. Tais aspectos contribuem para desenvolver maior qualidade da aprendizagem à distância. Muitos aprendizes on-line destacam que o bom curso on-line deve encorajar e estimular o aprendizado ativo, respeitar os diversos estilos de aprendizagem e diferentes talentos entre os participantes, promover boa comunicação, consenso, feedback rápido e flexibilidade para atender as expectativas e interesses de todos. Para isso, eles também enfatizam que o sucesso do aprendizado on-line depende da disposição, habilidades, envolvimento e organização do tempo e prioridades (Alley 2000; Deubel, 2002).

Compartilhar resultados dos instrumentos de avaliação durante o curso é importante e pode propiciar novas reflexões, sugestões e direcionamentos, visando desenvolver a maturidade, pensamento crítico e aprimorar a autoria. Estabelecer sistema de avaliação em conjunto e socializar os dados no decorrer do processo propiciam identificação e maior compreensão dos diferentes ritmos, estilos, interesses e expectativas dos alunos e professores. Tais observações conduzem à discussão de novas estratégias e encaminhamentos. (Wang, Li, Turoff, e Hiltz, 2003).

Alguns autores (Reeves, 1995, 1997; Tech, 1997; Hollands 2000; Cyrs, 2001) descrevem e analisam os instrumentos de avaliação usados em cursos on-line.

1. **Matriz de avaliação:** facilita a observação não só das interações em cada interface do ambiente virtual de aprendizagem, mas também permite ter visão global do processo de aprendizagem de cada participante, do grupo e da turma.

| Nome do Aluno | Atividade Individual | Atividade em Grupo | Discussão fórum | Bate-papo | Auto-avaliação | Feedback contribuições | Problemas e suporte Técnico | Obs. |
|---------------|----------------------|--------------------|-----------------|-----------|----------------|------------------------|-----------------------------|------|
| | | | | | | | | |

Fig.1- Matriz de Avaliação

As anotações nesta tabela podem ser quantitativas e qualitativas. Em algumas plataformas, o próprio ambiente pode oferecer tabelas automáticas, no entanto é interessante fazer anotações durante o acompanhamento do processo. Tais anotações podem seguir questões abaixo:

- a. Qual conhecimento construído e quais as habilidades desenvolvidas?
- b. Quais as atitudes que foram formadas?
- c. Qual a qualidade das interações e colaborações?

Embora tais categorias de observação sejam subjetivas e indiquem mais atitudes do que comportamentos, elas abrem um cenário que faz que os registros escapem das meras quantificações de incidências de tabelas e gráficos.

2. **Blog de anotações (Diário de Bordo)** pode ser implementado através de blogs no próprio ambiente. Cada participante, alunos, professores e monitores podem fazer seus registros, descritivo, reflexivo, auto-avaliativo. O registro de anotações pode ser utilizado sempre que houver algo significativo, relevante. É importante fazer o registro assim que o fato aconteceu e complementar com comentário crítico, interpretativo.

| |
|---|
| <p>Data: ___/___/___ Local: _____ Observador: _____</p> <p>Descrição: _____</p> <p>Comentários/Reflexões: _____</p> |
|---|

Fig.2- Blog de Anotações

3. **Feedback crítico** sobre trabalho é uma estratégia interessante para aprimorar a qualidade das produções. Os critérios podem ser compostos pelos alunos e professores envolvidos na atividade. Esse '*checklist*' pode ser realizado pelos próprios autores do trabalho e pelo professor. Outra dinâmica que pode ser utilizada é cada participante ou grupo fazer a avaliação do trabalho do outro.

Revisor: _____ Data: ___/___/___ Trabalho avaliado: _____

N/A= critério não avaliado, 1=insuficiente, 2= razoável, 3= bom, 4= ótimo, 5= excelente

| A. Conteúdo | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-------------------------------|-----|---|---|---|---|---|
| Proposta atendida? | | | | | | |
| Tema relevante? | | | | | | |
| Assunto interessante? | | | | | | |
| Contribuições significativas? | | | | | | |
| Profundidade da abordagem? | | | | | | |
| Idéias bem articuladas? | | | | | | |
| Referências bem selecionadas? | | | | | | |
| B. Estrutura | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Organização do trabalho? | | | | | | |
| Linguagem clara? | | | | | | |
| Apresentação objetiva? | | | | | | |
| Rigor técnico? | | | | | | |
| Configuração estética? | | | | | | |

C. Aspectos mais e menos valiosos que se destacam no trabalho? Por quê?

D. Sugestões e Recomendações para aprimorar o trabalho.

Fig.3- Feedback crítico

4. Trabalho em Grupo

Após o trabalho em grupo é interessante avaliar aspectos de interação entre os participantes. O registro pode ser realizado por um dos componentes do grupo após discussão entre os colegas. Inicialmente alguns aspectos podem ser sinalizados através de indicadores quantitativos e depois comentados através de uma descrição mais específica e detalhada. Para aperfeiçoar a observação, o professor inclui seus comentários com os comentários avaliativos do grupo.

Grupo: _____ Data: ___/___/___ Registro feito por: _____

N/A= critério não avaliado, 1=insuficiente, 2= razoável, 3= bom, 4= ótimo, 5= excelente

| | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|-----|---|---|---|---|---|
| Organização do grupo | | | | | | |
| Interação e comunicação | | | | | | |
| Participação e contribuições dos participantes | | | | | | |
| Dificuldades enfrentadas | | | | | | |
| Encaminhamentos e soluções | | | | | | |
| Avanços e Conquistas | | | | | | |

Comentários: _____

Fig.4- Trabalho em Grupo

5. Memorial reflexivo individual é uma forma de registrar, perceber e refletir o ocorrido, propiciando o aprendiz a investigar suas ações no decorrer do curso. A partir da visão global do processo e análise sistemática de cada etapa, o professor e aprendiz podem identificar as conquistas e as dificuldades que precisam ser superadas. Esse registro facilita a tomada de novas decisões, elaboração de novas estratégias e intervenções no processo de aprendizagem.

Registro No. ___ Data: ___/___/___ Autor: _____

| Desafios pessoais | Estratégias adotadas | Realizações e Avanços | Observações |
|-------------------|----------------------|-----------------------|-------------|
| | | | |

Fig.5- Memorial Reflexivo

6. LOG de Problemas Técnicos

A organização dos problemas técnicos e avaliação das interfaces do ambiente são também extremamente importantes para atendimento rápido e socialização das soluções. Os próprios aprendizes podem também participar das soluções junto com o suporte técnico e pedagógico do curso.

| Data: Hora: | Interface / Atividade | Problemas | Possíveis Soluções Sugestões |
|-------------|-----------------------|-----------|------------------------------|
| | | | |

Fig.6- LOG de Problemas Técnicos

7. Questionários sobre o curso

Os questionários são bem usados na avaliação do curso on-line. O conteúdo é diverso e depende dos aspectos a serem avaliados. Tal instrumento permite identificar pontos que podem ser aprimorados. Para isso, é interessante realizar o questionário durante e no final o curso para que seja possível realizar algumas implementações.

Curso: _____ Participante: _____ Local: _____ Data: ___/___/___

| Conteúdo do Curso | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|-----|---|---|---|---|---|
| 1. Os objetivos propostos foram atingidos? | | | | | | |
| 2. Conhecimentos e habilidades foram desenvolvidos? | | | | | | |
| 3. Qualidade das informações? | | | | | | |
| 4. O curso atendeu minhas expectativas? | | | | | | |
| 5. O curso foi relevante para meu trabalho? | | | | | | |
| Estrutura do Curso | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. A organização do curso foi bem elaborada? | | | | | | |
| 7. O design e recursos estimularam meu aprendizado? | | | | | | |
| 8. As interfaces foram bem utilizadas? | | | | | | |
| 9. O ritmo do curso foi adequado? | | | | | | |
| Mediação Pedagógica e Suporte Técnico | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Contribuição e feedback dos professores | | | | | | |
| 11. Contribuição e feedback do suporte técnico | | | | | | |
| Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Navegação simples e fácil? | | | | | | |
| 13. Interfaces foram bem utilizadas? | | | | | | |
| Auto-avaliação | N/A | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Qual a minha dedicação no curso? | | | | | | |
| 15. Consegui realizar o que foi proposto no curso? | | | | | | |
| 16. Interagi e colaborei com meus colegas? | | | | | | |
| Quais as suas sugestões para aprimorar o curso? | | | | | | |
| O que foi mais valioso e menos valioso no curso? | | | | | | |

Fig.7- Questionário sobre o curso

8. Relatório de Avaliação

O relatório de avaliação é um modo de estruturar o processo de avaliação de modo mais estruturado e sistematizado. O conteúdo dos relatórios de avaliação também depende dos propósitos e da equipe envolvida.

| |
|---|
| <p>Data: __/__/__ Curso: _____ Professores: _____</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descrição breve do curso (curso, objetivo, procedimentos, participantes envolvidos). 2. Apresentação de dados (índices de participação, desistência, conclusão e aprovação). 3. Resultados obtidos (conhecimento, habilidades, atitudes, desafios dificuldades e avanços). 4. Feedback do curso (conteúdo, design, mediação pedagógica, suporte, AVA, sugestões). 5. Exemplos de feedback dos alunos. 6. Comentários, novas implementações. 7. Novas perspectivas. |
|---|

Fig.8- Relatório de Avaliação

Ao identificar através dos instrumentos de avaliação aspectos que devem ser valorizados e outros que devem ser aprimorados é interessante observar estratégias para buscar maior qualidade no processo de aprendizagem (Pitt e Clark 1997; Tinker e Haavind, 1997; Muirhead, 2001; Locke, Moore e Burton, 2002).

Tais estratégias são fundamentais também para evitar problemas, barreiras e possíveis frustrações (Hara e Kling, 1999; Hmieleski, 2000; Valentine, 2002). Além disso, propiciar engajamento e satisfação entre todos os envolvidos (Mason e Martin, 2001; Miller, Rainer e Corley, 2003).

Discutir sobre a qualidade nos cursos on-line é um aspecto fundamental para replanejar e reconfigurar o ambiente virtual de aprendizagem. Quais são os aspectos que devem ser aprimorados? Como buscar maior qualidade? Muitos autores discutem aspectos importantes sobre avaliação de cursos on-line visando qualidade. (Alley, 2000; Barker, 2001; Phipps e Merisotis, 2000; Herrington, Oliver, Stoney e Willis, 2001). Várias pesquisas discutem quais são os principais atributos para aprimorar qualidade em cursos on-line e estratégias de aprendizagem (Beck, 1997; Care e Scanlan, 2001).

Tais trabalhos abordam aspectos muito semelhantes apesar de seus contextos serem diferentes. Um dos modelos que sintetiza tais critérios de qualidade é agrupado em aspectos pedagógicos, recursos e estratégias (Herrington, Oliver, Stoney, Willis 2001).

Estes aspectos são descritos nas tabelas abaixo:

Tab. 1 - Qualidade Pedagógica para melhor qualidade da aprendizagem

| Pedagógico | Descrição | Exemplos |
|-------------------------------|--|---|
| Tarefas autênticas | Atividades contextualizadas que podem ser aplicadas na realidade | Problemas reais, projetos de trabalho, casos de estudo. |
| Oportunidades de colaboração | Aprendizes colaboram entre si criando produtos coletivos | Trabalho em equipe, discussão em grupos, construção coletiva. |
| Ambiente centrado no aprendiz | O foco voltado ao aprendiz facilitando sua aprendizagem | Participante ativo da construção, mediação e avaliação. |
| Envolvimento | O conteúdo e o design são atrativos e tornam a aprendizagem interessante | Conteúdo, design e ambiente devem ser envolventes. |
| Feedback significativo | Feedback deve estar integrado à construção do conhecimento | Coletivo, individual realizado por professores e aprendizes. |

Tab. 2 - Qualidade de recursos para melhor qualidade da aprendizagem

| Estratégia | Descrição | Exemplos |
|----------------|--|---------------------------------|
| Acessibilidade | Design de fácil acesso e localização | Ambiente organizado e atrativo. |
| Atualização | Conteúdo constantemente atualizado | Atualização fácil e flexível. |
| Diversidade | Atende vários estilos de aprendizagem | Diferentes mídias e informação, |
| Funcionalidade | Uso adequado e rico das interfaces | Propostas claras e objetivas. |
| Inclusão | Conteúdo e estrutura permitem inclusão | Visão crítica social inclusiva. |

Tab. 3 - Qualidade de estratégias para melhor qualidade da aprendizagem

| Recurso | Descrição | Exemplos |
|---------------------------------|--|--|
| Qualidade de conteúdo e design | Conteúdo e design são significativos bem organizados e facilmente acessíveis | Ambiente virtual de aprendizagem bem elaborado. |
| Planejamento e objetivos claros | Objetivos, informações e propostas são claros e papéis bem definidos entre todos | Discussão e atualização do planejamento no decorrer. |
| Comunicação e Interatividade | Diálogo e proximidade entre todos | Diversos canais de comunicação com propostas claras. |
| Suporte técnico | Apoio técnico constante | Fácil contato e boa organização. |
| Linguagem adequada | Linguagem é clara, estilo padronizado, criativo e envolvente | Estilo bem configurado tanto da linguagem escrita como visual. |

Outro modelo que facilita obter um panorama mais detalhado e indicar novos direcionamentos é o gráfico desenhado por Reeves (1997) envolvendo 14 aspectos a serem observados em cursos on-line:

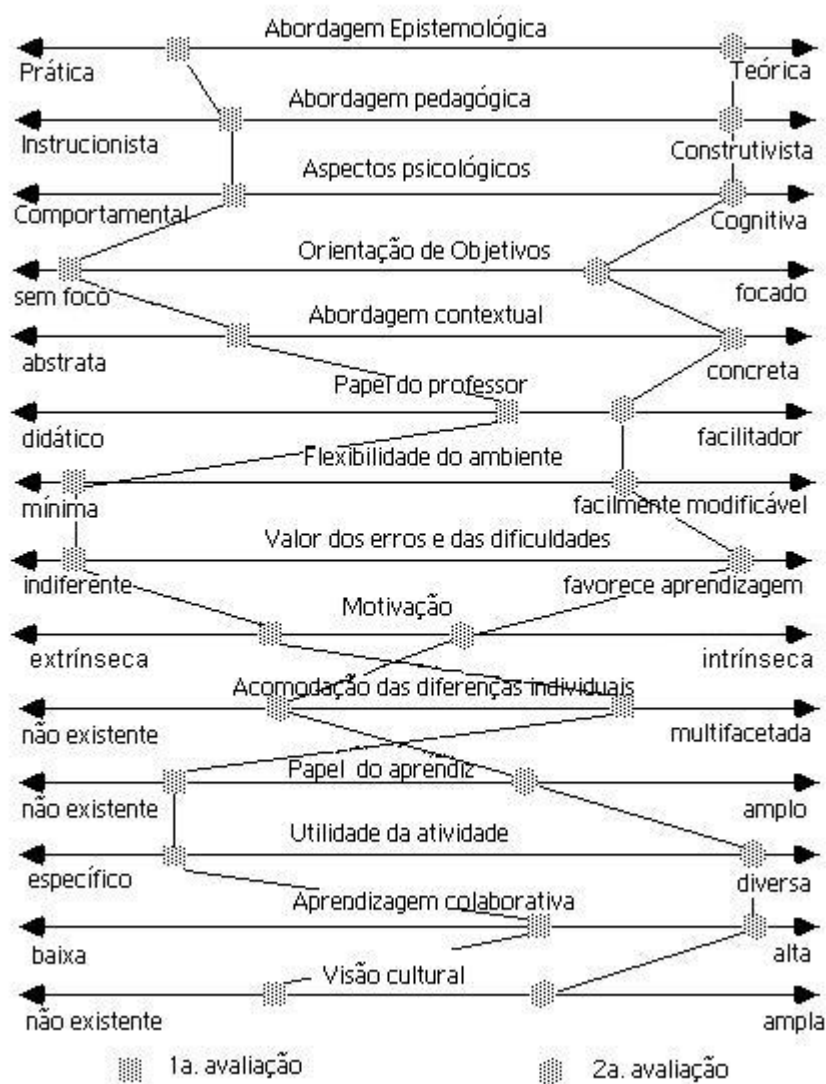


Fig.9- Múltiplas dimensões da avaliação em cursos on-line

VALORIZAR NÃO SÓ O “CONHECER”, MAS TAMBÉM O “FAZER” E O “SER”.

Avaliar é desenvolver o olhar cuidadoso, tanto do formador quanto do aprendiz, para perceber a evolução de seus processos de aprendizagem, de perceber quando e onde ocorreu, de fazer ou solicitar intervenções quando necessárias. Tudo isso favorece a construção de conhecimentos. Além disso, refletir constantemente sobre as próprias ações, interações ou mediações, permite o olhar diferenciado não só em relação ao conhecimento construído, mas também em relação à qualidade e direção de suas atitudes e ações.

Observar, portanto, diversas dimensões que envolvem o processo de aprendizagem possibilita ampliar a visão e estabelecer novas diretrizes. Normalmente, focamos os aspectos cognitivos, procurando notar especificamente o conhecimento construído. Mas isso é pouco. Entretanto, é importante observar também aspectos práticos, existenciais e afetivos. Esses diversos aspectos que se entrelaçam, a todo o momento, possibilitam valorizar não só o “conhecer”, mas também o “fazer” e o “ser” (Okada, 2005).

Para isso, é possível notar alguns elementos importantes que permitem tecer tais relações de modo mais articulado:

A **autonomia**: característica própria de um aprendiz que vai além de seu tempo e de seu espaço. O aprendiz autônomo se envolve com o processo. Ele consegue identificar suas dificuldades e se predispõe a pensar em novas alternativas diferenciadas para seus problemas. O aprendiz autônomo lança-se com comprometimento e também com abertura para perguntar, solicitar apoio, comunicar dificuldades e compartilhar estratégias. A autonomia não surge logo de início, ela emerge no decorrer do processo com a ajuda da mediação pedagógica e também configuração do curso on-line.

Em ambientes virtuais de aprendizagem a autonomia é essencial. Além da interação com o objeto de estudo, existe de forma bem presente a interação com a tecnologia. Os desafios a serem vivenciados são maiores. Além da questão pedagógica e epistemológica, existe a questão da operação e domínio crítico das dimensões técnicas. Mas, como verificar e comunicar ao aluno que ele está desenvolvendo sua autonomia?

De um lado seria construindo conjuntamente com o aluno a regra de autonomia desejada no início do trabalho. E de outra perguntando continuamente a ele se tais procedimentos estão acontecendo em seu processo cognitivo. Não cabe ao professor dizer se um aluno é ou não autônomo, mas questioná-lo sobre sua evolução passando para ele a tarefa interna de se acompanhar.

A **relação teoria-prática**: em um processo criativo de construção do conhecimento, observamos que teoria e prática, conhecer e agir são dois processos enredados, articulados um no outro. Nessa relação percebemos como a teoria se desdobra na prática e como a prática ressignifica a teoria. Neste movimento contínuo, entrelaçam-se os conhecimentos prévios com as dúvidas e as incertezas; habilidade de encontrar respostas com a de questionar, emoções com pensamento, escrita com leitura, planejamento com execução, reflexão com diálogo, exteriorização com interiorização. Essa rede de múltiplos movimentos possibilita a integração do “conhecer”, “ser” e “fazer” propiciando que cada aluno possa ser também professor, colega e aluno ao

mesmo tempo. Experimentam o aluno (e o professor) assim os diferentes olhares envolvidos no ato de aprender.

Num curso on-line, quando o virtual (possibilidades, potencialidade) é entrelaçado com o real (ações que acontecem e se consolidam) possibilita de forma mais coesa e coerente o movimento da teoria e prática e a aprendizagem de modo significativo.

A **dimensão individual e coletiva:** são dois aspectos importantes (e, quem sabe, melhores) a serem valorizados. Cada aprendiz tem a sua especificidade, sua singularidade, seu modo de ser, fazer e conhecer. As interações entre todos os participantes e entre os grupos permitem ver o todo de que se compõem as construções, as trocas e as colaborações e as produções coletivas. No entanto, é importante ter a visão do todo e das partes. Nem sempre a soma das partes significa o todo: é importante considerar coletivo e o indivíduo durante o processo, sem sobrepor um ao outro.

A **afetividade:** em todo o processo de aprendizagem, seja presencial ou a distância, a afetividade está sempre presente. Nas relações humanas, é fundamental que se considere a afetividade que cria circunstâncias muito mais favoráveis para a aprendizagem. **O sentir e pensar** estão imbricados um no outro e permeiam todo o processo de ensino e de aprendizagem.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, a escrita torna-se o elemento mais forte. Perdemos um pouco a capacidade de leitura de outras linguagens como gestos, tom de voz, expressão facial... No entanto, quando se estabelece a comunicação, iniciam-se as interações no ambiente, desde o conteúdo, o design, as propostas, as atividades, os prazos, o apoio e suporte ..., até a afetividade que vai se constituindo e abrindo com espaço para a aprendizagem, envolvimento, para o prazer em aprender.

Trata-se de momento raro e ímpar para um grupo debater, trocar, refletir, escrever, posicionar-se, a partir da própria prática, sobre o que é um adequado sistema de avaliação em EAD. É desafio constante do educador: **Entender as limitações de um sistema, sonhar com o que pode ser mais elaborado e, depois, partir para fazer propostas de melhoramento de suas práticas e vivências.**

Avaliar significa olhar para os quatro momentos que devem acontecer em paralelo: aprender a aprender, aprender a fazer, “valorizar” o aprender a conhecer e o aprender a ser...

A avaliação em cursos on-line deve ser considerada como contínua, formativa, e diagnóstica.

1) contínua: a avaliação deve ser processual, decorrente da ação-reflexão-ação durante a construção do conhecimento e não em momentos isolados no final das etapas.

2) formativa: a avaliação envolve não só aspectos cognitivos, mas também aspectos atitudinais e existenciais. Trata-se de um processo que deve ser claro, aberto, discutido e resultado de consenso entre os envolvidos.

3) investigativa: a avaliação acontece desde o primeiro momento com o levantamento dos conhecimentos prévios do aluno até o final com último feedback do curso. No decorrer, avaliação deve diagnosticar o processo visando seu aprimoramento. Assim, essas informações devem ser passadas durante o processo e discutidas com os alunos, no sentido de valorizar seu trabalho e de aproveitar sua forma de aprendizagem para alterar rotas se necessário.

Pode-se antever que a avaliação nestes moldes é mais trabalhosa para o educador-planejador, mas lhe traz uma dimensão de real parceria com a construção do conhecimento do aluno.

Quando a avaliação é um ato ético, construtivo, de *valorização* e faz parte do processo de aprendizagem, nos traz uma sensação boa, de apoio, suporte e segurança. É como caminhar por uma rua, mas sem aquele terrível pressentimento de ser perseguido. Ao contrário. É como trilhar os caminhos da aprendizagem e sentir que não se está só, perdido e nem isolado; mas sim, bem amparado e cheio de motivação para prosseguir com passos maiores e rumos mais distantes. Avaliar é bom? Sim! Avaliar faz bem.*

Referências Bibliográficas

ACHTEMEIER, S. D., MORRIS, L. V., E FINNEGAN, C. L. (2003) Considerations for developing evaluations of online courses. JALN 7(1)
http://www.aln.org/publications/jaln/v7n1/v7n1_achteimeier.asp.

ALLEY, L. (2000). Ten keys to quality assurance and assessment in online learning.
<http://www.worldclassstrategies.com/papers/keys.htm>

ALMEIDA, F.J. (org.). Colóquio Brasil-França sobre avaliação institucional. São Paulo, Editora Cortez/EDUC, 2004. (no prelo)

BARKER. K. (2001). Quality guidelines for online education and training.
<http://futures.com/form/pdf/english.pdf>

BECK, S. (1997). Evaluation criteria: The good, The bad e the ugly: or, why it's a good idea to evaluate web sources. Institute for Technology-Assisted Learning, New Mexico State University. <http://lib.nmsu.edu/instruction/eval.html>

CARE, W.D., E SCANLAN, J.M. (2001). Planning and managing the development of courses for distance delivery: Results from a qualitative study. *The Online Journal of Distance Learning Administration*, 4(2).

<http://www.westga.edu/~distance/ojdla/summer42/care42.html>

CYRS, T. E. (2001). Evaluating distance learning programs and courses.

http://www.zianet.com/edacyrs/tips/evaluate_dl.htm

DEUBEL, P.(2003) Learning from Reflections - Issues in Building Quality Online Courses Nova Southeastern University

<http://www.westga.edu/~distance/ojdla/fall63/deubel63.htm>

HARA, N. E KLING, R. (1999). Students' Frustrations with a Web-based Distance Education Course: A Taboo Topic in the Discourses.

http://www.slis.indiana.edu/CSI/wp99_01.html

HARA, N. E KLING, R. (1999).Students' Distress with a Web-based Distance Education Course: An Ethnographic Study of Participants' Experiences. Indiana University

<http://www.slis.indiana.edu/CSI/WP/wp00-01B.html>

HERRINGTON, A., HERRINGTON, J., OLIVER, R., STONEY, S.e WILLIS, J. (2001). Quality guidelines for online courses: The development of an instrument to audit online units. In G. Kennedy, M. Keppell, C. McNaught, and T. Petrovic (Eds.) *Meeting at the crossroads: Proceedings of ASCILITE 2001* (pp. 263-270). Melbourne: University of Melbourne.

<http://elrond.scam.ecu.edu.au/oliver/2001/qowg.pdf>

HMIELESKI, K. E CHAMPAGNE, M.V. (2000) "Plugging in to Course Evaluation." *The Technology Source*,

<http://ts.mivu.org/default.asp?show=articleid=795>

HMIELESKI, K. H. (2000). Barriers to online evaluation. Troy, NY: Rensselaer Polytechnic Institute, Interactive and Distance Education Assessment (IDEA) Laboratory.

<http://idea.psych.rpi.edu/evaluation/report.htm>

HOLLANDS, N., (2000). Online testing: Best practices from the field. *Creating a Virtual Learning Community*, 2(1). Raleigh: North Carolina Community College System. <http://198.85.71.76/english/blackboard/testingadvice.html>

LOCKEE, B., MOORE, M., E BURTON, J. (2002). Measuring success: Evaluation strategies for distance education. *EDUCAUSE Quarterly*

<http://www.educause.edu/ir/library/pdf/eqm0213.pdf>

MASON, R. (1998). 'Models of Online Courses', *Asynchronous Learning Networks Magazine*, vol. 2 http://www.aln.org/alnweb/magazine/vol2_issue2/Masonfinal.htm

MASON, R. (1999). IET's Masters in Open and Distance Education: What have we learned? Available: <http://iet.open.ac.uk/pp/r.d.mason/MAEval.PDF>

MASON, R. E MARTIN, W.,(2001) The Factors Affecting Students' Satisfaction on a Web Course UK Open University

<http://kn.open.ac.uk/public/getfile.cfm?documentfileid=97>

MILLER, M.D., RAINER, R.K., E CORLEY, J.K. (2003). Predictors of engagement and participation in an on-line course. *The Online Journal of Distance Learning Administration*, 6(1). <http://www.westga.edu/~distance/ojdla/spring61/miller61.htm>

- MUILENBURG, L., E BERGE, Z. (2000). A framework for designing questions for online learning. The American Journal of Distance Education.
<http://www.emoderators.com/moderators/muilenburg.html>
- MUIRHEAD, B. (2001). Practical strategies for teaching computer-mediated classes. United States Distance Learning Association Journal, 15(5).
http://www.usdla.org/html/journal/MAY01_Issue/article02.html
- OKADA, A. (2005). "The Collective Building of Knowledge in Collaborative Learning Environments" in: Roberts, T.S. (Org.) Computer-Supported Collaborative Learning in Higher Education, Queensland Australia Idea Group (p. 70-99).
- PHIPPS, R., E MERISOTIS, J. (2000). Quality on the line: Benchmarks for success in Internet-based distance education. Report from The Institute for Higher Education Policy, Washington, D.C. <http://www.ihep.com/Pubs/PDF/Quality.pdf>
- PITT, T., E CLARK, A. (1997). Creating powerful online courses using multiple instructional strategies. Paper presented at the second annual online Trends and Issues in Online Education Conference sponsored by the Teaching in the Community Colleges List e Kapi'olani Community College, Hawaii, April 1-3, 1997.
http://leahi.kcc.hawaii.edu/org/tcc_conf97/pres/pitt.html
- REEVES, T. (1995). Evaluation tools.
http://mime1.marc.gatech.edu/MM_Tools/evaluation.html
- REEVES, T.(1997) Evaluating What Really Matters in Computer-Based Education
<http://www.educationau.edu.au/archives/cp/reeves.htm>.
- TECH, G.(1997) Eevaluation matrix
http://mime1.marc.gatech.edu/MM_Tools/EM.html
- TINKER, R., e HAAVIND, S. (1997). Netcourses and net seminars: Current practice and new designs.
<http://www.concord.org/pubs/pdf/netcours.pdf>
- VALENTINE, D. (2002). Distance learning: Promises, problems, and possibilities. Online Journal of Distance Learning Administration, 5(3). University of Oklahoma
<http://www.westga.edu/~distance/ojdla/fall53/valentine53.html>
- WANG, Y.; LI, Z.; TUROFF, M. E HILTZ, S. (2003).Using A Social Decision Support System Toolkit to Evaluate Achieved Course Objectives., in Proceedings of the 2003 Americas Conference on Information Systems, Tempa, FL
http://web.njit.edu/~zx18078/Publication/SDSSToolkit_AMCIS2003.doc

* A construção desse texto “Avaliar é bom, Avaliar faz bem ” teve início no curso de Aperfeiçoamento, “**Aprendizagem: Formas Alternativas de Atendimento**”. coordenado por José A. Valente (Unicamp) e Maria Elizabeth B. de Almeida (PUC-SP), dirigido aos professores e gestores da Secretaria de Estado da Educação de Goiás. Esse curso semi-presencial teve duração de 180 horas, envolvendo 136 participantes de diferentes projetos: Proformação, TV Escola, Multiplicadores do ProInfo e Coordenadores Estaduais do Ensino Médio, Ensino Fundamental, e Ensino Técnico.